

Organização

Jefferson Dantas Santos

Yérsia Souza de Assis

Poética e política nas artes contemporâneas: agências e estruturas



1^a Edição
Foz do Iguaçu
2025

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida para fins comerciais, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Aplica-se subsidiariamente a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Diagramação: Valéria Lago Luzardo

Capa: Gloriana Solís Alpízar

Revisão: Os organizadores

ISBN 978-65-89284-76-5

DOI: <https://doi.org/10.23899/9786589284765>

Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/145>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Poética e política nas artes contemporâneas [livro eletrônico]: agências e estruturas / organização Jefferson Dantas Santos, Yérsia Souza de Assis. 1. ed. Foz do Iguaçu, PR: CLAEC e-Books, 2025. PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN

1. Arte. 2. Poética. 3. Política. I. Santos, Jefferson Dantas. II. Assis, Yérsia Souza de.

CDD: 300

Os textos contidos neste e-book são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e autoras, incluindo a adequação técnica e linguística.

Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura – CLAEC
Diretoria Executiva

Me. Bruno César Alves Marcelino
Diretor-Presidente

Dra. Cristiane Dambrós
Diretora Vice-Presidente

Dra. Betania Maciel
Diretora Vice-Presidente

Dr. Fábio do Vale
Diretor Vice-Presidente

Editora CLAEC

Me. Bruno César Alves Marcelino
Editor-Chefe

Dra. Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo
Editora-Assistente

Dr. Lucas da Silva Martinez
Editor-Chefe Adjunto

Bela. Valéria Lago Luzardo
Editora-Assistente

Conselho Editorial

Dra. Ahtziri Erendira Molina Roldán
Universidad Veracruzana, México

Dra. Marie Laure Geoffray
Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, França

Dra. Denise Rosana da Silva Moraes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Dra. Ludmila de Lima Brandão
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil

Dr. Djalma Thürler
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Dr. Marco Antonio Chávez Aguayo
Universidad de Guadalajara, México

Dr. Daniel Levine
University of Michigan, Estados Unidos

Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Dr. Fabricio Pereira da Silva
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dra. Sandra Catalina Valdettaro
Universidad Nacional de Rosario, Argentina

Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Dra. Susana Dominzaín
Universidad de la República, Uruguay

Dra. Isabel Cristina Chaves Lopes
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dra. Suzana Ferreira Paulino
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Dr. José Serafim Bertoloto
Universidade de Cuiabá, Brasil

Dr. Wilson Enrique Araque Jaramillo
Universidad Andina Simón Bolívar, Ecuador

Investigação Científica Popular

Sergio Augusto Medeiros*

Introdução

Este estudo integra o projeto Investigação Científica Popular, que se dedica a analisar publicações científicas impressas disseminadas no Brasil. O projeto surgiu como uma *práxis* que busca compreender periódicos científicos por meio da análise dessas publicações, com foco inicial na revista Ciência Popular, que circulou entre 1948 e 1960 no país, em um período marcado por transformações no cenário político.

A escolha da revista Ciência Popular como objeto justifica-se por sua posição singular no campo editorial. Diferentemente de outras publicações, ela se manteve como iniciativa familiar independente. Conforme observa Massarani (1998), essa independência institucional é rara no cenário brasileiro, onde a divulgação científica historicamente esteve vinculada a instituições oficiais.

Essa investigação propõe uma abordagem metodológica multimodal através de uma análise textual e do projeto editorial, buscando evidenciar os aspectos discursivos, através dos elementos semântico-lexicais, e gráficos dos exemplares selecionados, para subsidiar uma compreensão mais robusta da construção de significados na efetivação da transmissão do conhecimento e como exercício da materialidade visual-textual.

Procedimentos Metodológicos

O *corpus* de estudo foi composto por textos retirados de oito exemplares da revista Ciência Popular, distribuídos ao longo dos anos de circulação da revista, permitindo observar possíveis mudanças editoriais ao longo do tempo. O material foi selecionado a partir de um acervo próprio, como parte do projeto homônimo, no qual foi possível localizar uma quantidade significativa de edições em bom estado de conservação.

Nesse estudo, realizou-se um levantamento sistemático das características físicas dos exemplares, incluindo formato, número de páginas, técnicas de impressão e encadernação. Também, a pesquisa concentrou-se na análise textual do conteúdo editorial, investigando temas recorrentes, abordagens narrativas e da relação texto-

* Artista visual. Doutor e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Contato: augustomedeirossergio@gmail.com

imagem na diagramação. Para isso, foram analisadas categorias analíticas que permitiram classificar o conteúdo divulgado. Para apoiar essa análise, utilizou-se o software Iramuteq¹ para analisar o corpus textual em relação à etiquetagem morfossemântica, estatística descritiva, classificação hierárquica descendente e análise factorial de especificidade dos segmentos de textos e termos, subsidiando a análise semântica-lexical para a compreensão dos padrões linguísticos e temáticos do discurso científico escolhido e divulgado pela revista.

A interpretação dos resultados foi realizada considerando o contexto histórico, cultural e político do período pós-guerra, bem como as especificidades da divulgação científica no Brasil. Essas etapas permitiram uma análise piloto da revista Ciência Popular, contemplando tanto seus aspectos materiais quanto sua circulação e a formação de uma cultura científica popular no país. Como resultado, desenvolveu-se um protótipo de exposição individual, apresentando o projeto em formatos variáveis para amostra do projeto.

Revista Ciência Popular (1948-1960)

O período após Segunda Guerra Mundial representou um momento marcado por importantes transformações sociais, políticas e culturais. É nesse contexto que surge a revista Ciência Popular, em 1948, como uma iniciativa familiar fundada por Arnaldo Nabuco Maurell Lobo, constituindo-se como uma das publicações dedicadas à popularização da ciência no Brasil.

¹ Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq) é um software desenvolvido por Pierre Ratinaud em Python e R, que permite a análise multivariada e gráfica de textos.



Figura 1 – Detalhe do projeto Investigação Científica Popular (2019). Exemplares da Revista Ciência Popular (1948-1960)

Fonte: O autor (2025).

A revista foi mensalmente publicada entre 1948 e 1960, com objetivo de promover a educação científica e a disseminação de conhecimentos, oferecendo conteúdos especializados para estudantes, profissionais e demais leitores interessados, abordando temas das ciências exatas e naturais, história da ciência, epistemologia e cultura em geral, além de atualizações sobre inovações científicas e tecnológicas.

Sua circulação ocorreu em um momento caracterizado por um intenso processo de industrialização, acompanhado por um crescente interesse público pela ciência e tecnologia. O final dos anos 1940 e início da década de 1950 foram marcados pela criação de importantes instituições científicas no país, como o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas em 1949, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, ambos em 1951. Ainda, foram iniciadas as agências de financiamento de pesquisa e o estabelecimento de instituições de nível universitário, particularmente em

física e medicina, proporcionando as bases para a pesquisa científica sistemática (Vieira, 2017; Bulcão et al., 2007).

A popularização da ciência no Brasil contou com diversas publicações voltadas para aproximar o conhecimento científico do público geral, que desempenharam uma atuação expressiva na formação da percepção social sobre a ciência e na disseminação de ideias (Silva, 2009). Esse movimento, conhecido como "vulgarização científica", já se manifestava na segunda metade do século XIX, por meio de periódicos dedicados a apresentar a ciência a trabalhadores, crianças e público em geral (Fonseca, 2018). Essas iniciativas eram orientadas pela crença de que o conhecimento científico era indispensável para a construção da nação e a promoção da educação pública (Vergara, 2007).

Arnaldo Nabuco Maurell Lobo, fundador da revista, estabeleceu uma linha editorial que buscava tornar o conhecimento científico acessível ao público leigo, mantendo ao mesmo tempo o rigor na apresentação dos conteúdos. A direção da revista constituiu-se como um empreendimento familiar, com Ary Maurell Lobo como diretor-geral e que estabeleceu conexões com a comunidade científica brasileira e estrangeira da época, Yvonne Nabuco Maurell Lobo como diretora-gerente e Sylvia Nabuco Maurell Lobo Radino como diretora-secretária. A revista estabeleceu uma rede de colaboradores que incluía cientistas, professores e divulgadores científicos, contribuindo para a qualidade e diversidade do conteúdo publicado. A distribuição era feita principalmente através de assinaturas e vendas em bancas de jornal.

A análise do projeto editorial, seguindo a perspectiva da “materialidade do texto” de Chartier (2002), revela escolhas editoriais específicas. A publicação manteve um formato padrão de aproximadamente 33 x 24 centímetros, com dimensões que se posicionavam entre as revistas de grande porte da época, oferecendo uma área adequada para a apresentação de textos e imagens, sem comprometer sua portabilidade. O número de páginas variou entre 42 e 54 por edição, com uma média de 50 páginas, e a encadernação era feita por grampos. Essas escolhas não foram meramente técnicas, pois podem se configurar no que McKenzie (1999) denomina uma “sociologia dos textos”, onde aspectos materiais influenciam diretamente a construção de significados, a experiência de leitura e aceitabilidade.

O projeto adotou diferentes técnicas de impressão, com capas provavelmente produzidas com composição em linotipo e clicheria para criar as matrizes de impressão. Essa combinação permitiu uma reprodução de ilustrações e fotografias. O miolo da publicação alternava entre páginas monocromáticas, enquanto ilustrações específicas

podem ter sido impressas em bicromia, uma técnica comum na época para destacar diagramas e imagens técnico-científicas.

Todas as edições elaboradas por Maurell Lobo, a partir de 1948, eram produzidas pelas gráficas do Jornal do Brasil. Gráfica esta que encerrou seus serviços de impressão nos anos 1960, pondo a termo também as publicações da revista Ciência Popular, pois a esta altura o custo para impressão em outras gráficas tornou inviável sua continuação (Rouse, 2006, *apud* Silva, 2009, p. 32).

As páginas do miolo da revista seguiram uma estrutura modular com duas ou três colunas, permitindo flexibilidade na disposição do conteúdo. Essa organização espacial facilitou a hierarquização das informações e criou um ritmo visual ao longo das páginas. Já sua tipografia demonstrava famílias tipográficas que combinavam legibilidade com estilização. Os títulos principais empregavam uma fonte sem serifa em negrito, característica do *design* da época, enquanto o texto corrido utilizava uma fonte serifada, facilitando a leitura de textos longos. Os subtítulos e destaques foram compostos em variações de famílias tipográficas, criando manchetes diversificadas a cada periódico.

Inicialmente, a tiragem da revista foi de 6.000 exemplares, apresentando uma circulação inaugural discreta para os padrões da época. Contudo, diante da crescente demanda e do interesse do público, esse número foi gradualmente ampliado, alcançando cerca de 35.000 exemplares mensais (Lobo, 1950, p. 7). O aumento expressivo na tiragem sugere que a revista conseguiu estabelecer o que Fish (1980) define como uma comunidade interpretativa, ou seja, um grupo que compartilha convenções de leitura e compreensão.

O projeto editorial da revista apresentava artigos traduzidos de outras revistas estrangeiras, elaboradas por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. As matérias abordavam temas variados, desde descobertas científicas recentes até aplicações práticas da ciência no cotidiano em reportagens diversas. Segundo Reis e Gonçalves (2000), existem dois tipos principais de escritos de popularização: os artigos e as reportagens. Os artigos têm como objetivo transmitir fatos e princípios científicos, com a intenção de ilustrar o leitor e integrar o conhecimento científico à cultura, ou ainda, podem ter caráter histórico ou biográfico, relembrando grandes datas ou personagens.

Já as reportagens buscam explorar a ciência contemporânea, com foco nas pesquisas realizadas em centros de estudo, priorizando aquelas com relevância social ou econômica. Além disso, as reportagens abordam questões coletivas relacionadas à

ciência, como problemas energéticos ou a situação das instituições científicas, incluindo crises e dificuldades financeiras.

O período de circulação da revista coincidiu com importantes transformações na sociedade brasileira, incluindo o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Esse contexto influenciou o conteúdo da publicação, o pós-guerra induziu a um impulso para a democratização e o desenvolvimento econômico, com conceitos de democracia e progresso sendo calorosamente debatidos na mídia impressa (Reznik et al., 2021). No entanto, também foi caracterizado por uma alternância entre experiências autoritárias e democráticas (Paixão, 2011). A crise de 1955 em torno da eleição de Kubitschek e Goulart revelou uma desconfiança generalizada nos processos eleitorais e na capacidade de discernimento da população (Biroli, 2004).

A organização do conteúdo da revista seguiu uma estrutura consistente ao longo das edições, com extensões fixas facilmente identificáveis por elementos gráficos distintivos. Os artigos científicos foram introduzidos por aberturas elaboradas, combinando títulos com imagens, apresentando uma estratégia visual que serviu tanto para atrair a atenção do leitor quanto para estabelecer hierarquia do conteúdo.

Ao levantar hipóteses, o leitor terá, necessariamente, que postular conteúdos e uma estruturação para esses conteúdos, isto é, terá que imaginar temas e subtemas. Por exemplo, a partir de dados como o título de um artigo. "A química dos cnidários", a fonte do artigo Revista Ciência Hoje, e com o apoio da ilustração de uma alga ou flor marinha, o leitor, com a mediação do adulto, poderá predizer que o texto trará uma definição ou explicação dos cnidários (que ele, leitor, já pode imaginar que são seres marinhos) [...] (Kleiman, 2016, p. 41-42).

As fotografias e ilustrações foram posicionadas próximas aos textos relacionados, muitas vezes ocupando meia página ou página inteira quando o assunto exigia maior detalhamento visual. Os diagramas técnicos e científicos eram impressos com legendas e, quando necessário, esquemas numerados para facilitar a compreensão.

A revista fez uso extensivo de ilustrações científicas, muitas delas produzidas especialmente para a publicação, que variavam desde representações anatômicas planejadas até esquemas simplificados de processos científicos, demonstrando uma preocupação com a precisão técnica aliada à didática. Artistas e ilustradores brasileiros, como Israel Cysneiros, foram responsáveis pela elaboração de algumas capas e conteúdos internos ilustrativos da revista.

As ilustrações em revistas científicas podem constituir uma representação visual que assume um valor epistêmico na construção do próprio conhecimento científico. Seguindo a análise de Tufte (2001) sobre a “visualização da informação quantitativa”, observa-se no projeto da Ciência Popular um equilíbrio dinâmico entre precisão técnica e clareza didática. As ilustrações não se limitam a complementar o texto, mas constituem o que Lynch & Woolgar (1990) caracterizam como “inscrições científicas”, representações que simultaneamente constroem e comunicam objetos científicos.

Classificação Hierárquica Morfossemântica

A montagem do corpus de estudo iniciou-se com a digitalização de exemplares da revista e, posteriormente, com a seleção e a transcrição do conteúdo textual, com a padronização dos formatos, a correção de erros decorrentes da digitalização e a organização dos arquivos. Foram escolhidos artigos científicos de oito exemplares da revista, distribuídos ao longo dos 12 anos de publicação. Esse recorte temporal permitiu acompanhar a diferenciação do conteúdo editorial e das abordagens temáticas ao longo do período analisado.

A análise do corpus seguiu os princípios metodológicos da lexicometria aplicada a discursos especializados (Salem, 1988; Ratinaud; Marchand, 2012), articulando uma abordagem qualitativa (categorização preliminar baseada em leitura analítica) com métodos quantitativos computacionais. Conforme destacam Kronberger & Wagner (2002), essa articulação permite identificar padrões lexicais superficiais e estruturas semânticas subjacentes que revelam representações da ciência. O refinamento das categorias após a classificação hierárquica descendente representa um movimento dialético entre interpretação qualitativa e validação quantitativa.

O conteúdo do corpus deve ser escolhido criteriosamente. Os princípios da escolha dos textos devem seguir, acima de tudo, as condições de naturalidade e autenticidade. Mas devem também obedecer a um conjunto de regras estabelecidas por seus criadores de modo que o corpus coletado corresponda às características desejadas (Sardinha, 2004, p. 19).

O processamento do material no software incluiu análises lexicográficas, estatística multivariada (classificações hierárquicas descendentes e análises fatoriais de correspondência) e etiquetagem morfossemântica, permitindo identificar

agrupamentos temáticos predominantes e suas inter-relações, destacando como a revista estruturou seu discurso em torno da ciência positivista².

Através da Classificação Hierárquica Descendente (método de Reinert), que agrupa segmentos textos em conglomerados e que categoriza as palavras ativas em classes lexicais, foram identificados cinco agrupamentos semântico-lexicais, dos quais foram analisadas as formas nominais ativas em relação aos campos semânticos, discurso e divulgação temática.

Cada classe, expressa em percentual de ocorrência, indicando a força de relação entre os termos e a similitude, sendo elas: ciências biológicas e saúde (28,70%), físico-química e materiais (22,34%), e ciência e o cientista (21,09%), desenvolvimento agropecuário (18,37%) e religiosidade (11,55%). Esses temas mostraram a ênfase da revista em alinhar o avanço científico às demandas do contexto brasileiro, ressaltando aspectos econômicos, sociais e culturais, empregando diferentes abordagens discursivas, como textos explicativos-didáticos, artigos científicos focados em avanços tecnológicos e os resultados reflexivos sobre as implicações sociais e políticas do desenvolvimento científico.

A primeira classe, ciências biológicas e saúde, evidenciou a centralidade das questões sanitárias e epidemiológicas no projeto editorial da revista. O predomínio de termos como “perigo”, “tosse”, “defluxo”, “toxina”, “picada”, “nariz” e “difteria” reflete o contexto brasileiro de intensificação das políticas sanitárias no pós-guerra insere-se no que Hochman (2009) caracteriza como nacionalização da saúde pública. Essa ênfase temática articula-se ao discurso desenvolvimentista da época, que vinculava o controle de doenças infecciosas à modernização econômica e social. Segundo Stepan (1976), a divulgação de conhecimentos sobre doenças infecciosas e parasitárias constituiu uma estratégia central no projeto de construção nacional via ciência, continuando uma “tradição oswaldiana” da saúde como vetor civilizatório.

A segunda, físico-química e materiais, apresentou campos relacionados ao eletromagnetismo, astrofísica, mecânica clássica e quântica e engenharia de materiais, com os termos mais frequentes: “energia”, “átomo”, “núcleo”, “atômico”, “unidade”, “radiação” e “elétron”. O perfil lexical dessa classe sugere uma abordagem editorial que não hesitava em apresentar termos e conceitos científicos ao público leitor. A presença do termo “unidade” entre os mais frequentes indica uma preocupação didática em

² A filosofia positivista de Auguste Comte influenciou significativamente o pensamento intelectual e científico brasileiro no final do século XIX e início do século XX (Ferreira, 1998; Costa, 2021). Ela enfatizou a ciência aplicada, o empirismo e a rejeição de explicações metafísicas, promovendo o progresso social por meio de métodos científicos (Alves et al., 2024).

estabelecer parâmetros e medidas para a compreensão dos fenômenos físicos e químicos.

É particularmente notável como a seleção temática se alinhava com o momento de institucionalização da pesquisa científica no Brasil, coincidindo com a criação de importantes centros de pesquisa. A ênfase em temas relacionados à física nuclear e ao eletromagnetismo sugere que a revista atuava como uma ponte entre os desenvolvimentos científicos internacionais e o público brasileiro.

A terceira classe, da ciência e do cientista, abrangeu os campos interdisciplinares relacionados à antropologia, arqueologia, filosofia das ciências, expectativas sociais e comportamento humano, bem como suas linguagens, que evidencia escolhas editoriais voltadas para a educação e a divulgação científica, destacando termos recorrentes como "homem", "fauna", "caça", "lua", "língua" e "ciência". De um lado, os termos como "homem", "fauna" e "ciência" remetem à investigação científica tradicional, sugerindo objetos de estudo concretos. De outro, a inclusão de "língua" aponta para uma abordagem voltada a estabelecer conexões idiomáticas ou anatômicas com o órgão.

A quarta classe refere-se ao desenvolvimento agropecuário, que agrupou os termos associados aos campos da agricultura, pecuária, métodos, métrica e equipamentos, sendo os mais frequentes: "semente", "válvula", "metro", "plantio", "solo" e "seringueiro". Essa composição lexical reflete o período de transição da agricultura brasileira, em que métodos tradicionais passaram a coexistir com novas tecnologias e técnicas de produção. Nesse sentido, a revista divulgou conhecimentos técnicos e científicos voltados ao setor rural, relacionando o processo de modernização agrícola no Brasil entre 1948 e 1960. Nas edições analisadas, havia uma seção específica dedicada a esse objetivo, intitulada "Ciência Popular Agrícola".

Por fim, a quinta classe, religiosidade, representou um achado que desafia interpretações lineares sobre a divulgação científica no Brasil. A presença expressiva de termos como "santo", "galileu", "escritura", "umbanda" e "fé" evidencia o que Sanchis (2001) caracteriza como a "porosidade das fronteiras" entre ciência e religião no contexto brasileiro. Em contraste com a narrativa tradicional do positivismo científico brasileiro, que, segundo Almeida (2009), frequentemente assumiu posições anticlericais, a Ciência Popular parece adotar um tom amenizador entre discurso científico e religioso. Essa configuração discursiva sugere que, diferentemente do modelo europeu de secularização, a divulgação científica no Brasil operou num contexto de "modernidade religiosa" (Martelli, 1995), onde a legitimação da ciência não exclui a legitimidade dos discursos religiosos.

Na análise lexicográfica do *corpus* de estudo, observou-se o comportamento de menor esforço da lei de Zipf³, conforme esperado. Ao todo, o *corpus* apresentou a ocorrência de 68.288 termos, 7.547 lemas e 4.779 formas ativas, com aproveitamento satisfatório de 91.02% dos segmentos de textos.

A partir de uma análise morfossemântica geral, visualizou-se a presença de nomes (substantivos) relacionados aos campos semântico-lexicais do humano e suas ferramentas, medos e recursos, com grande frequência dos termos “doença” (118), “homem” (117), “animal” (115), “forma” (109), “febre” (108), “caso” (95), “dia” (95), “energia” (92), “pessoa” (86) e “água” (86); já a análise dos verbos, em relação à concordância, evidenciou ações ligadas à inovação, subsistência, expectativa, progresso e produção, com a ocorrência de termos como “dar” (99), “encontrar” (83), “apresentar” (59), “existir” (59), “permitir” (56), “tornar” (50), “produzir” (48), “deixar” (47), “levar” (46) e “ficar” (46).

Por fim, a análise cronológica desdobrada através da Análise Fatorial de Correspondência entre os *corpora*, isto é, dos textos dos oito exemplares, não indicou mudanças significativas nas ênfases temáticas ao longo do período de publicação, com quatro exemplares de graus de complexidade e escolhas lexicais muitos similares, independente do ano de publicação.

Considerações finais

Esse estudo inicial do projeto Investigação Científica Popular estabeleceu fundamentos metodológicos específicos para a análise da divulgação científica impressa no Brasil, por meio de uma abordagem interdisciplinar que combinou análises historiográficas, gráfico-editoriais e linguísticas como parte de uma prática artística. A metodologia desenvolvida nesse estudo demonstrou como uma publicação científica independente, operando à margem das instituições acadêmicas estabelecidas, articulou diferentes campos do conhecimento e contribuiu para a formação do pensamento brasileiro. As cinco categorias temáticas identificadas – religiosidade, ciências biológicas e saúde, físico-química e materiais, desenvolvimento agropecuário, e ciência e cientista – constituem um mapeamento preliminar do universo discursivo que permeava o imaginário científico da época. No exame do projeto editorial, que incluiu as técnicas de impressão, tipografia e estrutura visual, permitiu compreender como os aspectos formais se articulavam com o conteúdo gráfico para produzir uma experiência

³ A Lei de Zipf é uma observação empírica proposta pelo linguista George Zipf, que sugere que em muitos tipos de dados, como as distribuições de palavras em textos, a frequência de ocorrência de um item é inversamente proporcional à sua posição no ranking de frequência.

de leitura no regime particular de visualidade científica, adaptado ao contexto brasileiro e às expectativas de seu público leitor.

As limitações desse estudo, particularmente amostral, apontam para a necessidade de expansão do corpus, possivelmente, com a incorporação de outras publicações científicas do mesmo período para análises comparativas. Esse estudo inaugura uma série de futuras investigações que explorarão diferentes formatos de apresentação sobre a cultura científica impressa. A partir dessa *práxis*, as próximas etapas incluem o desenvolvimento de obras e exposições que integrem os resultados da pesquisa.

Referências

- ALMEIDA, R. **A Igreja Universal e seus demônios**: um estudo etnográfico. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.
- ALVES, R. A. R.; SILVA, J. N. R.; AGNOLIN, F. M. M.; MENEZES, L. P.; PIERAZAN, C. C. G.; MILESI, M. V. Epistemologias para sempre: reflexões sobre o positivismo, sua história, conceitos, características, doutrinas e sua representatividade. **Revista Delos**, [S. l.], v. 17, n. 60, p. 2255, 2024.
- BIROLI, F. Jornalismo, democracia e golpe: a crise de 1955 nas páginas do Correio da Manhã e de O Estado de S. Paulo. **Revista de Sociologia e Política**, [S. l.], v. 22, p. 87–99, 2004.
- BULCÃO, L. G. et al. Ciência e ensino médico no Brasil (1930–1950). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [S. l.], v. 14, p. 469–487, 2007.
- CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- COSTA, H. M. da. Positivismo, educação e hegemonia: diálogos entre José Veríssimo e Benjamin Constant. **Revista HISTEDBR On-line**, [S. l.], v. 21, n.00, p. e021052, 2021.
- FERREIRA, L. O. Ciencia pura versus ciencia aplicada: la fuerza de la tradición positivista en la ciencia brasileña a comienzos del siglo XX. **Secuencia**, [S. l.], n. 41, p. 111-124, maio/ago. 1998.
- FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretive communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- FONSECA, M. R. F. da. A ciência popularmente tratada, e não a ciência profissionalmente discutida tal será o nosso sistema de redação: Imprensa e vulgarização das ciências no Brasil na segunda metade do século XIX. **Varia História**, [S. l.], v. 34, n. 66, p.637–668, 2018.
- HOCHMAN, G. O Brasil não é só doença: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, supl. 1, p. 313-331, 2009.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 16. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- KRONBERGER, N.; WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

Editora CLAEC

2025